

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO**

UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA: A CEGUEIRA NA BLOGOSFERA

ADRIANA LEMES

Porto Alegre
2008

ADRIANA LEMES

UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA: A CEGUEIRA NA BLOGOSFERA

Monografia apresentada ao Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação como requisito para aprovação no curso de Especialização em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Liliana Maria Passerino

Porto Alegre
2008

*Este trabalho é dedicado àqueles que, apesar das marés contrárias,
subvertem suas impossibilidades e põem-se a navegar.*

Agradeço a Deus, pela saúde que me possibilitou a elaboração deste trabalho;

À família, pela motivação e incentivo permanentes;

À professora Liliana, pela indicação dos percursos a serem percorridos, pela paciência e confiança;

A todos que contribuíram durante a trajetória: Raquel, Miguel, entre outros...

"Não é a cegueira, mas a atitude das pessoas que vêem, face às pessoas cegas, que constitui a mais difícil carga a suportar."

Helen Keller

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	7
RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 PESQUISANDO A BLOGOSFERA: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA	
.....	10
2 A CEGUEIRA NO BRASIL.....	12
3 A TECNOLOGIA COMO FORMA DE INCLUSÃO.....	14
3.1 Os blogs	15
4 UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA: A CEGUEIRA NA	
BLOGOSFERA.....	18
4.1 Caracterização.....	18
4.2 Categorias de Postagens.....	19
4.2.1 O nível pessoal.....	19
4.2.2 Discussão de temáticas.....	22
4.2.3 Os espaços.....	25
4.3 Os Comentários.....	27
4.3.1 Laços sociais e Capital social.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

Lista de Figuras

Figura I - Mapa Conceitual sobre o post ‘Esta é a vossa oportunidade’. P. 30

Figura II - Mapa Conceitual do Segundo post mais comentado. P. 33

Resumo

A partir de inúmeros trabalhos realizados referentes ao espaço de socialização oportunizado pela Internet, a presente pesquisa visa à análise das práticas de interações sociais em blog voltado a pessoas com deficiência visual. Como metodologia de pesquisa qualitativa, utilizou-se a netnografia, que, adaptada da etnografia, permite que, a partir de uma observação participante, o pesquisador encontre-se imerso no grupo analisado, no caso, na blogosfera, sendo possível estudo de caso dos posts e comentários. Acredita-se que este trabalho possa contribuir para pesquisas voltadas a espaços ou ferramentas de socialização disponíveis na Internet.

Palavras-chave: blogs, redes sociais; netnografia; laços sociais; capital social; deficiência visual.

INTRODUÇÃO

A presente monografia trata de um assunto contemporâneo de pesquisa: a inclusão social de pessoas com necessidades especiais através das ferramentas disponíveis na Internet. Mais especificamente, trataremos da inclusão social de deficientes visuais através de blog disponibilizado pelo portal LERPARAVER.

Trata-se de um trabalho composto por quatro capítulos, cujo primeiro informará ao leitor como surgiu a pesquisa, bem como tratará da metodologia e relatará as etapas percorridas.

O segundo capítulo abordará a temática predominante do blog analisado: a cegueira; dados quantitativos e possibilidades de inclusão. No terceiro capítulo, como seqüência ao anterior, será abordada a inclusão social pela via da tecnologia, dando ênfase aos blogs.

Por fim, o último e mais importante capítulo, descreve o blog analisado, bem como autora e comentaristas com número mais expressivo de postagens, além de identificar os laços sociais estabelecidos e o capital social constituído.

1 PESQUISANDO A BLOGOSFERA: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa surgiu como um “braço” da pesquisa interinstitucional “Blogs como ferramenta de socialização e inclusão de Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs)”, realizada pelas professoras Liliana Maria Passerino, do Centro Interdisciplinar de Tecnologias na Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CINTED/UFRGS) e Sandra Portela Montardo, do Centro Universitário Feevale. Com o objetivo de verificar como se dá a inclusão social de PNE e de seus familiares em blogs, as professoras abordam, com base em artigo anterior (Montardo; Passerino, 2007), vários conceitos de inclusão social, estabelecendo sua relação com o conceito de inclusão digital. Dessa forma, acreditam que esse processo de inclusão consiste em todas as formas de promover a autonomia de indivíduos que se encontram, temporariamente ou não, e, sob algum aspecto específico, em desvantagem em relação a outros grupos sociais (Azevedo e Barros, 2004; Ladeira e Amaral, 1999; Sposati, 2006).

No papel de bolsista voluntária da pesquisa com foco na acessibilidade, inclusão digital, desenvolvimento de ambientes de aprendizagem e mediação tecnológica para o desenvolvimento de pessoas com necessidades especiais e com a tarefa de “garimpar”, na web, blogs de pessoas com deficiência visual, sentimos completamente envolvidos num universo fascinante e com ilimitadas possibilidades de abordagens.

Inicialmente, foram selecionados quatro blogs dos quais seriam destacados e organizados, segundo critérios pré-estabelecidos, as postagens, os comentários, além de serem identificados os laços sociais e o capital social (RECUERO, 2005).

Porém, já o primeiro blog explorado oferecia material suficiente e necessário para a elaboração desta monografia, o que justifica a escolha aleatória do mesmo.

Outra “novidade” para a nossa trajetória na pesquisa foi a metodologia utilizada pelas professoras: a netnografia. Trata-se de uma metodologia adaptada da etnografia, uma técnica de pesquisa que partiu da Antropologia e estendeu-se, após a década de 20, a outras áreas como a Sociologia, a Psicologia, a Lingüística e a Educação. Como consistia, basicamente, na imersão do pesquisador no grupo analisado, a partir de uma observação participante, possibilitava a leitura pormenorizada e crítica do grupo. Com o surgimento da Internet, inevitavelmente surgiram novos focos de investigação e para que os novos fenômenos pudessem ser compreendidos, foi necessário, consequentemente, que a etnografia fosse remodelada, dando origem, assim, à netnografia.

Montardo & Passerino (2006) consideram que o renomado professor da área de Marketing, Prof. Dr. Robert V. Kozinets, em 1997, tenha sido um dos precursores desse tipo de pesquisa. Baseada principalmente na observação do discurso textual, a netnografia requer, segundo Kozinets (2002), que os investigadores observem certos procedimentos éticos em um estudo netnográfico: a) a divulgação de sua presença, filiações e intenções aos membros da comunidade virtual; b) anonimidade e confidencialidade dos informantes; c) seleção cautelosa dos dados a serem publicados.

Selecionados objeto de pesquisa e metodologia, foi enviado, através da seção “comentários” no blog, o pedido de autorização e, como não recebemos o retorno positivo a tempo da conclusão do trabalho, optamos por não divulgar o endereço do blog, bem como preservar a identidade da autora e comentaristas, substituindo por nomes fictícios a identificação dos mesmos.

O conteúdo do blog foi distribuído em uma grande tabela e para os posts mais comentados foram elaborados mapeamentos das redes temáticas através do Software CmapTools, os quais constam do corpo do trabalho.

O referencial teórico baseado nos estudos de Passerino e Montardo, além de Recuero, é a essência que fundamenta as análises textuais do blog, contribuindo, também, para o desenvolvimento das mesmas, Goffman, Warschauer, Vygotski, Schittine, entre outros.

Encontrarmo-nos imersos no universo da blogosfera e da deficiência é acreditar estarmos contribuindo para a inclusão social.

2 A CEGUEIRA NO BRASIL

De acordo com site que elenca famosos com algum tipo de deficiência¹, encontramos deficientes visuais que se destacaram nas mais diversas áreas: Fineu e Licurgo, reis da Tracia; Luis III, Rei da Provença e da Itália; Dídimos, diretor Escola de Alexandria; São Paulo Apóstolo e Tobias, personagem bíblico; Homero, poeta épico grego e Tiresias, sábio grego; Galileu Galilei, cientista; Louis Braille, Henry Fawcett, economista e político; Jorge Luis Borges, poeta e Helen Keller, escritora; Marie Therese Von Paradis, pianista; Andrea Bocelli , Ray Charles, Stevie Wonder e Cátia, cantores; Marla Runyan, corredora olímpica. A pergunta que normalmente fica é como essas personalidades fazem para vencer as dificuldades que lhes são impostas e ainda atingir um patamar de notoriedade? Goffman (2008) tenta justificar, explicando que *o indivíduo estigmatizado pode, também, tentar corrigir a sua condição de maneira indireta, dedicando um grande esforço individual ao domínio de áreas de atividades consideradas, geralmente, como fechadas, por*

¹ Disponível em: <http://www.crfaster.com.br/gfamosos.htm>

motivos físicos ou circunstanciais, a pessoa com o seu defeito. Realmente, é corrente a crença que, na tentativa de superação da dificuldade, o estigmatizado acabe por superar os seus limites e também os das pessoas ditas “normais”. Nesse sentido, Stern (apud Vygotski, 1997) admitiu a teoria sobre a compensação e esclareceu como da deficiência nasce a força e das diferenças, os méritos.

Na literatura é comum a construção de personagens cegos que apresentam, na trama, poderes superiores aos demais personagens, com a sugestão até de poderes ocultos e forças sobrenaturais. Politicamente correto, até Mauricio de Sousa inclui Dorinha, primeira personagem com deficiência visual, no rol de seus personagens nos quadrinhos.

Porém, exceções, mitos, fantasia e ficção à parte, ser cego é, segundo Goffman (2008), um estigma; um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, o que faz com que se construa uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a inferioridade do sujeito.

Nessa condição encontra-se, segundo o Censo 2000, 14,5% da população brasileira. Esse montante é portador de, pelo menos, uma das deficiências investigadas pela pesquisa. A maior proporção se encontra no Nordeste (16,8%) e a menor, no Sudeste (13,1%).

Em 2000, segundo o documento, existiam 148 mil pessoas cegas e 2,4 milhões com grande dificuldade de enxergar. Do total de cegos, 77.900 eram mulheres e 70.100, homens. A região Nordeste, apesar de ter população inferior ao Sudeste, concentrava o maior número de pessoas cegas: 57.400 cegos no Nordeste contra 54.600 no Sudeste. São Paulo é o estado com o maior número de cegos (23.900), seguido da Bahia (15.400). A pergunta suscitada pela pesquisa em

questão é como essas pessoas estão inseridas na sociedade voltada para os que enxergam?

Apesar da inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais (PNEEs) ser um assunto de interesse de todas as esferas sociais, consideramos que a escola exerce um papel decisivo no sentido de promover espaços onde a diversidade seja encarada como valor e não como prejuízo. Porém, com base nesse pressuposto, concordamos com Mitler (2003), quando esclarece que

a inclusão não diz respeito a colocar as crianças nas escolas regulares, mas a mudar as escolas para torná-las mais responsivas às necessidades de todas as crianças; diz respeito a ajudar todos os professores a aceitarem a responsabilidade quanto à aprendizagem de todas as crianças nas suas escolas e prepará-los para ensinarem aquelas crianças que estão atual e correntemente excluídas das escolas por qualquer razão.

Dessa forma estaríamos privilegiando não só as PNEEs, mas todas as crianças com direito a uma educação de qualidade.

3 A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO

Inúmeras pesquisas vêm sendo realizadas pelo núcleo de estudos do CINTED/UFRGS, principalmente as desenvolvidas por Passerino e Montardo (2006, 2007, 2008) com a intenção de se contribuir para um processo de inclusão social promovido pela tecnologia.

Warschauer (2006) faz uma completa abordagem do tema. Quando analisa a relação entre tecnologia de informação e comunicação (TIC) e a inclusão social, problematiza a causalidade existente entre acesso a computadores/web e inclusão digital a partir de uma pesquisa empírica realizada em países de quatro continentes, inclusive no Brasil. Assim, constata que recursos físicos (computadores e conectividade), recursos digitais (material digital disponível on-line em termos de

conteúdo e linguagem), recursos humanos (letramento e educação para utilização da informática e da comunicação on-line) e recursos sociais (estrutura comunitária, institucional e da sociedade que apóiam o acesso às TIC), quando empregados como auxiliares no acesso às TICs para acessar, adaptar e criar conhecimento, podem propiciar um círculo virtuoso para ampliar e fomentar novos recursos nesse sentido.

É possível relacionar essa abordagem de inclusão digital como indicadora da necessidade de uma ação permanente de inclusão social, não limitando essa questão à montagem de salas equipadas com recursos tecnológicos e disponibilidade de acesso à Internet.

3.1 Os blogs

Um *blog* ou *weblog* é uma espécie de diário organizado cronologicamente e disponibilizado na Internet. *Blog* vem do inglês *web log*, ou seja, *registro na web*. A contração *blog*, posteriormente, passou a se referir a essa forma de registro de informações publicada na Internet.

Atualmente existem vários tipos de *blogs*, como os *fotologs* e os *videologs*, que são *blogs* com conteúdo principal na forma de imagens e vídeos respectivamente. Dada a gratuidade do serviço, a facilidade na criação e a ilimitada possibilidade de acessos, os *blogs* são bastante populares e os *blogueiros*, por sua vez, vão desde as donas-de-casa *postando* receitas culinárias, além de pontos e gráficos de crochê, a adolescentes expondo suas “agitadas” rotinas, famosos expondo suas agendas e hábitos, jornalistas expondo notícias e comentários da sua área (política, esportes, televisão...), professores disponibilizando aulas. Há quem use para registrar acontecimentos marcantes do dia-a-dia; disponibilizar textos de

própria autoria ou compartilhar textos e mensagens de autores consagrados ou anônimos; registrar posicionamentos a fatos ou acontecimentos; divulgar trabalhos; discutir temáticas específicas, entre ilimitadas alternativas.

Utilizando o serviço de algum servidor que ofereça a hospedagem do *blog* e a plataforma de gerenciamento do conteúdo (ferramentas para criar, editar, publicar e gerenciar os seus *posts*), o blog *entra na rede* imediatamente e estará disponível para acesso de qualquer parte do mundo.

O interessante, nesse gênero, é a possibilidade de interação, pois na seção “comente” ou “comentários”, qualquer internauta pode interagir com o *blogueiro* ou com os leitores, bastando que o autor do blog autorize a publicação da mensagem, ou não, dependendo de seu conteúdo.

Voltando-se aos usuários dos blogs, apoiamo-nos nos estudos regulares sobre o Estado da Blogosfera, de Sifry (apud Montardo e Passerino, 2006), que indica que a quantidade de blogs posta no ar, dobra a cada seis meses e meio, o que faz com que a atenção recaia, agora, para a Internet como um novo espaço de socialização e, em se tratando de interação social com vistas à inclusão, os blogs podem ser concebidos, além de espaços de comunicação, como espaços de socialização, onde é possível o surgimento, a manutenção e a intensificação de laços sociais, bem como a constituição de capital social.

A pesquisadora que mais vem se destacando na produção de material sobre esses tópicos é Raquel Recuero, que, entre outros contributos, relata que

principal aqui é compreender que a apropriação de um site de rede social vai além do uso unicamente para "fazer amigos". De minha parte, eu diria que os sites de rede social possuem usos mais amplos e mais comuns entre as diversas populações de atores do que o report sinaliza. Eu arriscaria dizer que, com base nas minhas pesquisas e na literatura especializada, esse tipo de ferramenta é utilizada para 1) **construir identidades** específicas com busca de capital específico para cada uma delas (por exemplo, um mesmo ator pode procurar reputação em um blog e atenção em um fotolog). Além disso a construção de identidade também é

voltada para a "mostração" e a construção das impressões que se deseja construir no Outro; 2) **complexificar e ampliar a rede social**, que é o uso mais óbvio, conhecer novas pessoas e reconectar-se com amigos/conhecidos antigos, sem necessariamente ter que investir no laço social para manter a conexão; 3)**construir tipos de capital social**, que eu diria que é o principal valor no digital: os sites de rede social proporcionaram uma facilitação do acesso ao capital social, com menor custo e menor necessidade de investimento do que as relações offline (os benefícios, no entanto, são diferentes, é claro). Aqui entrariam todos os valores da rede: informação, busca de apoio social, reputação e etc. (RECUERO, 2008)

Ter e manter um blog requer o estabelecimento de laços sociais, que pressupõe processo de interação. Granovetter (apud Recuero, 2008) esclarece que os laços sociais podem ser fortes e fracos. Os fortes são aqueles que exprimem intimidade, que são capazes de suportar trocas freqüentes e com maior carga de capital social. Já os laços fracos são aqueles que indicam atores mais distantes socialmente, que contêm menos interações, menor carga de capital social. São os laços que temos com os nossos “conhecidos”. São propriamente os laços que nos permitem a compreensão da dinâmica da rede social; quanto mais fortes os laços, mais coesa a rede.

Bertolini e Bravo (apud Recuero, 2005c) determinam categorias que podem indicar aspectos nos quais o capital social pode ser encontrado. Tais categorias indicam, agrupam o conteúdo das relações sociais em rede em nível relacional, normativo, cognitivo, de confiança e institucional. O relacional pode ser considerado soma de relações, as trocas que conectam os atores; o normativo, as normas e valores do grupo; o cognitivo engloba conhecimentos e informações, o de confiança estabelece a confiança no comportamento de indivíduos no ambiente e o institucional expressa as “regras” da interação social.

Dessa forma, a estrutura de uma rede social na Internet pode ser compreendida a partir de dois fatores básicos: o capital social e os laços sociais. Os laços sociais podem ser identificados através da interação verificada, conforme a

recorrência do contato e o nível de intimidade demonstrado; o capital social, através do reconhecimento dos recursos surgidos a partir dessa interação.

4 UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA: A CEGUEIRA NA BLOGOSFERA

4.1 Caracterização

O blog analisado está vinculado ao Portal LERPARAVER, idealizado por Daniel Serra e Antônio Silva, e se dedica tematicamente à deficiência visual. Além de blogs específicos, o portal abriga notícias, informações, fóruns, links a páginas relacionadas ao tema, artigos, manuais e afins. Com base em Goffman (2008), podemos entender esse portal como oportunidade para que *membros de uma categoria de estigma particular tendam a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam todos da mesma categoria, estando esses próprios grupos sujeitos a uma organização que os engloba em maior ou menor medida.*

Ainda que o blog esteja disponível na Web, a fim de garantir a privacidade e anonimidade da autora e dos comentaristas, optamos por omitir os nomes reais, bem como os endereços, utilizando, no lugar, nomes fictícios.

Bella, uma jovem de 19 anos, que cursa o 11º ano do Ensino Secundário da Escola Rodrigo de Freitas, em Portugal, é cega de nascença (glaucoma congênito) e abre seu blog com uma breve, mas detalhada, descrição, expondo de antemão sua cegueira, partindo para uma descrição psicológica onde destaca ser amiga, não demonstrar afeto e não ser muito sociável. Destaca que aceita bem o fato de ser cega, apesar de não admitir que a tratem e a vejam “diferente” e ainda sublinha o fato (o qual poderemos constatar através de determinadas postagens) de lutar permanentemente contra qualquer forma de discriminação. Afeita à leitura e à

escrita, postará diversos textos de sua autoria, normalmente promovendo reflexão sobre formas de discriminação e preconceitos.

A partir da análise discursiva de suas 33 postagens no período de 21 de novembro de 2007 a 3 de outubro de 2008, podemos apontar três categorias básicas de assuntos: a de *nível pessoal*; a de *discussão de temáticas* e a de *espaços constituídos*.

Na identificação da primeira categoria, de *nível pessoal*, encontraremos tópicos como os *aspectos descritivos*, que englobarão a *história de vida* da autora, sua *família*, seus *gostos, hábitos e sonhos*, *características psicológicas* e *sentimentos* (prioritariamente de revolta frente a episódios de discriminação e preconceito). Na categoria eleita como *discussão de temáticas*, acompanharemos o raciocínio de uma jovem cega acerca, sobretudo, da *discriminação*, além da *cegueira* e da *informática*. A *Escola* como palco de comoventes e revoltantes episódios de exclusão e discriminação, bem como o próprio *blog* como oportunidade de desabafo, de divulgação de textos de autoria e livre de preconceitos, compõem a categoria *espaços*.

Após a discussão sobre as categorias de postagens, atentar-se-á para os comentários às mesmas, identificando, além das temáticas recorrentes, os laços sociais, bem como a indicação do capital social, com base nos presupostos de Recuero (2005).

4.2 Categorias de postagens

4.2.1 O nível pessoal

- a) Aspectos descritivos

Através da análise discursiva das postagens, organizadas de forma crescente através das datas e horários, podemos observar como a autora se descreve, dando ênfase aos aspectos psicológicos sem mencionar as características físicas. Utilizaremos itálico para destacar os termos da publicação original do blog e manteremos a escrita original da autora, independente de qualquer equívoco de ordem ortográfica ou gramatical, pois não é esse nosso foco de pesquisa.

A jovem, então, se descreve como *amiga*, embora não consiga, por vezes, *mostrar o afeto*. Utiliza recorrentemente a palavra “odeio” para caracterizar sua identidade: *odeio “máscaras”*(grifo da autora), *odeio mentiras*. A partir daí podemos constatar a intensidade de seus sentimentos frente a determinadas situações. *Agressiva*, como ela própria reconhece, por vezes acabará sendo mal interpretada e até travará embates com seus próprios amigos ou conhecidos. A revolta contra atitudes discriminatórias da sociedade e a indignação são constantes em seus enunciados, como quando se dirige a uma mulher que a interpela na saída de uma Igreja: (...) *e eu respondo da maneira mais dura de sempre. Quem é ela para se meter na minha vida?* (...) *E eu mortinha por gritar que era alguém, que coitadinho era c..., contive-me a custo.* (...) *Ainda não consegui perceber a mentalidade desses ignorantes de m...! Que são teimosos e não querem meter naquela cabeça oca que somos iguais!*. Há que se registrar que essa foi a única postagem em que a autora valeu-se de palavrões, que foram substituídos, aqui, por reticências, para intensificar sua emoção. Apesar da indignação permanente, não se vale, nas demais postagens, desse recurso.

Em postagens agrupadas nessa categoria, podemos observar que a própria jovem admite seu temperamento forte: *Considero-me demasiado frontal (...). Muitos não gostam, mas paciência. Acho que tem que haver alguém que diga dessas*

verdades que ninguém quer ouvir. (...) me revoltam mais do que eu já sou. Demais...bolas! Demais.

b) A História de Vida

Mais especificamente na quinta postagem, Bella posta uma *pequena biografia*, enfatizando, principalmente, sua cegueira. Relata ter se submetido a 10 *intervenções cirúrgicas*, a primeira delas *com 15 dias de vida*. Cega de nascença devido a um glaucoma congênito, relata que, devido a uma infecção no olho direito, aos 8 anos passa por um transplante de córnea, procedimento que a faz afirmar que *ia ficar a ver com a córnea de outra menina*, o que não se confirma, pois há rejeição. *Olhos tapados, cuidados médicos, dores considera uma maçada*. Surpreendentemente para a pouca idade, *queria que cortassem o mal pela raiz*, através da extração dos olhos, pois *a dor, o sono, o excesso de medicamentos, era insuportável*, então enfrentou os médicos alegando que *sabia o que ia se passar e queria muito que aquele pesadelo acabasse*. No dia *tão esperado* da cirurgia, tinha *medo, mas estava feliz*.

c) A Família

Em relação à família, em suas postagens, Bella só faz referência direta à avó a quem considera *demasiado exagerada nas proteções*. *em [sic] certa forma*, acha até que a prejudicou, pois fez com que não tivesse *a noção de que o mundo era outro*. A esse respeito, Goffman (2008, p.42) explica que *o momento crítico na vida do indivíduo protegido, aquele em que o círculo doméstico não pode mais protegê-lo, varia (...), mas a sua aparição dará origema uma experiência moral*. Para os demais integrantes usa o termo *família* e *familiares* e, em relação aos sentimentos

da família para com a cegueira, revela que, por ocasião do transplante, seus familiares ainda tinham esperanças de que não ficasse cega. Já em relação à aprendizagem da leitura, os familiares diziam que era impossível pelo fato de ser cega. Ao ingressar na escola, com 5 anos, sentiu falta da família, porém descobriu que tinha amigos na escola que a aceitavam como ela era (...), mas o que dói muito é não poder confiar nas pessoas que a viram nascer, demonstrando ressentimento com os parentes, intensificado pelo fato de em nenhuma outra situação, mencionar qualquer membro familiar.

d) Gostos, hábitos e sonhos

Através de seus textos, a jovem Bella afirma gostar muito de ler e escrever, assumindo-se fanática por livros informáticos, tudo em suporte informático!. Gosta, também, de conhecer pessoas e de estar com seus animais (cães e gatos). Costuma discutir temas (em especial a cegueira) com pessoas conhecidas. Gostaria de ficar conhecida por ter feito algo importante sem visar à riqueza e seu maior sonho é continuar a luta contra a discriminação.

4.2.2 Discussão de temáticas

a) A discriminação

Essa é a temática mais veementemente discutida nas postagens, cuja essência, de acordo com a proposta do blog, centra-se na cegueira. A jovem afirma, reiteradas vezes, que não aceita que a considerem diferente. Em uma “carta” endereçada ao menino Jesus, pede um mundo com menos discriminações, questionando-O: *Por que a diferença? Abre-lhes os olhos, a mentalidade, acende-lhes a chama do amor, não da maldade.* Afirma que gostaria que a aceitassem, que

a ouvissem e que depois pudessem dizer seus pareceres, mas sem agressividades, sem preconceitos...

É interessante a constatação a que a autora chega a respeito do uso da bengala, na rua: *fui para a rua a primeira vez com bengala – senti-me feliz, mas envergonhada. A bengala mostra que somos cegos.* Goffman (2008, p.51) justifica o raciocínio da jovem expondo que

quando a diferença não está imediatamente aparente e não se tem dela um conhecimento prévio (...) (como o uso da bengala, no caso), quando, na verdade, ela é uma pessoa desacreditável, e não desacreditada, é que aparece a segunda possibilidade fundamental em sua vida. A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre seu defeito.

A garota também reivindica, por diversas vezes, tratamento igualitário por parte dos “normais”: *perguntei se o fato de ser cega me impedia de fazer o que eles faziam... imaginem, não tiveram resposta.* Note-se, aqui, como o leitor é “incluído” no relato, através desse recurso dialógico da conversação.

Merece destaque o questionamento ideológico que Bella propõe aos leitores da identificação de determinados sites. Para o www.cegueta.com, afirma que *parece talvez uma forma de gozar com nossa (dos cegos) incapacidade de ver! (...) muitos colegas cegos deixaram de ir àquela página simplesmente pelo nome, porque até se sentia ofendido.* (...) Cegueta, diz ela, *faz-me lembrar a arrogância para conosco, o gozo, a superioridade, talvez.* Tomando conhecimento, através de um amigo, do site www.ceguinho.com, brada, indignada (...) *mas o que é isso? estão-nos a chamar de coitadinhos? Quem quiser nos tratar de coitadinhos que venha ao menos ter comigo... 2 fortes bengaladas os faça ficar coitadinhos.*

Em relação ao sentimento causado por certas expressões, encontramos em Mitler (2003, p.32), que *isso é mais do que um assunto da linguagem do*

“politicamente correto”: refere-se ao constante uso de palavras que criam ou mantêm um modo de pensar que perpetua a segregação.

Até em relação ao namoro, a blogueira levanta a questão da discriminação, do preconceito, quando conta: *cheguei à idade de sentir algo diferente por alguém e isso aconteceu com um rapaz de minha turma. Todos se riram de mim, porque eu não podia, porque eu não era para ele e tantas barbaridades que nem vale a pena falar.* E é taxativa quando decide escrever *um artigo sobre o amor porque me parece outra coisa que entre nós, deficientes visuais, ainda parece uma coisa impossível de acontecer. Isso deixa-nos, talvez, um pouco marginalizados.*

b) A Cegueira

É recorrente a explícita aceitação da cegueira pela autora. Enunciados como *aceito bem; Eu sabia que ia, seria e serei sempre cega. Por que estavam a conter o que devia ser feito?; Aceito-me como sou, tenho honra de ser Bella, de ser cega... porque por vezes vejo mais que os outros; sou cega, mas que mal tem?* reforçam a idéia, contra a qual muitos se debatem, de conformidade e aparente estabilidade psicológica, podendo ser identificada, inclusive, uma certa intenção de superioridade. Goffman (2008, p. 20) justifica essa posição, explicando que o *estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma bênção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas.*

No permanente embate contra todas as formas de discriminação, é interessante acompanhar os questionamentos da autora sobre o emprego de determinados termos, a exemplo da identificação dos sites. Na terceira postagem do blog é possível acompanhar o posicionamento contrário ao uso do termo *invisual* em

vez de cego. Para ela, a intenção de eufemismo só vem a gerar uma carga pejorativa à condição de não-videntes das pessoas. O *invisual* seria o *ceguinho*, o *coitadinho*, o *incapacitado*. E vai além, valendo-se de comparações para instigar a reflexão: *se um surdo é um surdo, por que um cego é um invisual?*

c) A *Informática*

Corroborando com os autores que defendem o uso das tecnologias como fator de inserção social, a autora do blog questiona *a acessibilidade nos sites que disponibilizam jogos para pessoas cegas* e aproveita o mesmo argumento para criticar a conta do site *Yahoo*, que, assim como alguns sites de jogos, se vale de imagens para confirmar cadastramento. A esse respeito, Warschauer (2006) lembra que

a inclusão digital é uma faceta da inclusão social e consiste, além de proporcionar o direito de acesso ao mundo digital para o desenvolvimento intelectual, promover espaços para práticas culturais significativas que tornem os participantes letrados digitalmente, ou seja, não apenas com capacidade técnica de atuar no ciberespaço, mas com capacidade de criar e produzir significados e sentidos nele.

Pode-se perceber, também, a instauração da rede social quando a autora solicita *dicas de página para descarregar livros em MP3, em Acrobat Reader ou em winwar*. Reflete, uma vez mais, através de seu discurso, sobre a importância dos recursos tecnológicos no processo de interação social, quando relata: *Regressei de férias e poderei continuar a escrever e, a partir de agora, vou poder fazê-lo mais vezes, uma vez que vou ter uma banda larga da Cangu*.

4.2.3 Os Espaços

a) A *Escola*

O que se lê sobre Escola, postado no blog de Bella, contraria o discurso contemporâneo, especialmente no Brasil, em termos da visão pedagógica da palavra “inclusão”. Num período em que presenciamos uma política ostensiva em favor da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em classes regulares, o acompanhamento das postagens revela que, ao menos para a deficiente visual em questão e para os que comentaram, essa tendência está longe de ser uma realidade, sobretudo na conduta do/a professor/a.

Em uma simulada carta ao menino Jesus, Bella pede que a *Escola seja um espaço para cegos, normovisuais, deficientes mentais ou não* e inclui no pedido que *tenham melhores instalações para que uma pessoa cega possa caminhar pela escola sem perigo*. Equivalente às queixas de um aluno exposto a uma metodologia de ensino tradicional, com base em exercícios de repetição, memorização, de forma mecânica e sem reflexão, a moça também expõe a *sensação de não gostar quando tinha dificuldade ou não entendia o exercício como ir em linha reta ao encontro do cilindro, bater palmas na frente e nas costas, equilíbrio na trave, desenho de linhas geométricas com legos. Preferia o movimento*.

As postagens que deixam transparecer a postura dos/as professores/as que lidam com a diferença também vêm de encontro com o discurso atual sobre a pedagogia inclusiva. *No meu 5ºano, tive uma professora que me tentou prejudicar sempre. Uma vez disse-me com convicção –“os cegos são de estar em casa!”*. No 8ºano, *tive uma professora de EV que, não sei por quê, isolava-me dos outros colegas. Quando sabia que era para ir para as aulas dela, sentia-me triste. (...) tinha medo de dizer, porque talvez a minha nota fosse prejudicada*.

Por outro lado, também há relatos de atitudes solidárias de professores que ficarão lendariamente gravados na memória, como quando conta: *falei o problema a*

uma professora muito minha amiga, que até me ajudou a publicar o primeiro livro na escola. Ela não é minha professora, mas é como se fosse! Ela é minha segunda avó! (...) com a ajuda da generosa PROFESSORA CÂNDIDA!!! Escrevo em letras grandes porque quero mostrar a grandeza da minha gratidão com ela.

b) O blog

É interessante destacar como a autora se refere ao blog em suas postagens. É fato que o considera uma forma de expressão e oportunidade de usar esse espaço com finalidades específicas como externar sua indignação contra qualquer forma de discriminação ou injustiça e como oportunidade de publicar seus textos, como podemos perceber em *Porque aqui ninguém discriminará aquilo que fiz.*

Além disso, o blog é, para a autora, um meio de interação com diferentes pessoas, como confirma Schittine (2004), dizendo que

o que o blog possibilita é a cumplicidade com um público novo, de pessoas desconhecidas que têm sentimentos e segredos parecidos com os do diarista, mas que ele nunca conheceria se não se expusesse pela internet. Primeiro porque teria a dificuldade do constrangimento das relações face a face, depois pelo medo de não ser aceito.

E é a isso que Bella se refere quando posta que tem *recebido muitos comentários que me têm alegrado bastante. até [sic] hoje escondi meus textos, mas de uma vez decidi publicá-los no weblog e foi tudo muito positivo* e reforça essa idéia ao justificar por que se sente à vontade para publicar textos de sua autoria no blog, explicando (...) *porque aqui não há diferença, porque aqui há sempre uma pessoa que lê e sorri, lê e comenta, lê e sente na pele... lê e fica solidário com os outros. Estou a criar um espaço para que divulguem as coisas que mais vos entristecem, especialmente com cegos.*

4.3 Os comentários

No blog de Bella predominam comentários masculinos. São 92 de homens para 28 de mulheres. O comentador mais assíduo é zecarlos, seguido por lucsoares. Em determinadas postagens, zecarlos chega a comentar 4 vezes, sendo seguido por lucsoares, que atinge 3 comentários para uma mesma postagem, instaurando-se, assim, uma discussão dialogada a seu modo.

zecarlos é normovisual, mas deficiente motor. Católico, faz parte da Fraternidade Cristã dos Doentes Crónicos e Deficientes Físicos, além de ter muita intimidade com a tecnologia, pois atualiza websites, como o <http://www.ecclesia.pt/fed/>; colabora na elaboração da folha informativa; elabora apresentações, entre outras ações ligadas à informática. Posiciona-se sempre a favor da acessibilidade de sites, jogos e ferramentas da Internet e propõe-se, convictamente, a combater o isolamento dos deficientes de Portugal, expondo-se, como se pode perceber, mais que os demais.

Já sobre lucsoares coletamos que tem 27 anos e é cego de nascença. Não possui blog do mesmo provedor de Bella e zecarlos (lerparaver), mas do blogspot e mantém contato com os dois, além de com outros blogueiros.

Dina Montanha foi a mulher que mais comentou (10 comentários), seguida por Tânia Machado (9). Sobre Dina Montanha sabemos que tem 26 anos e é cega desde os 15, devido a uma doença genética chamada Síndrome de Alnstrom. É estudante do curso de Informática, que adora Matemática e Ciências/Biologia, como adora também falar e ajudar os outros.

Sobre Dina Montanha, então, descobrimos que é mestrandona Universidade Lusíada do Porto, em Portugal e que sofre com alguma deficiência devido a um

acidente, mas que não é deficiente visual. Independente, mora sozinha e dirige seu próprio carro.

Dos quatro maiores comentaristas, 2 são cegos e 2 não o são, fazendo com que o blog cumpra, assim, sua proposta², de ser dedicado à deficiência visual, mas não se restringir apenas à utilização por parte de pessoas cegas ou com baixa visão; destinar-se a todas as pessoas que se interessam pessoal e profissionalmente por esta temática. Ainda nessa linha, ao acompanhar que o blog se propõe a sensibilizar para a não discriminação, bem como promover formas para que todos possam trocar impressões e partilhar experiências, constatamos que esses são objetivos que se cumprem, pois os posts mais comentados tratam, justamente, a) da proposição de um espaço para que sejam postados casos de discriminações pelos quais os leitores tenham passado, intitulado *Esta é a vossa oportunidade*, com 18 comentários e b) do convite para que os blogueiros postem suas experiências, questionando, já no título, se *O amor entre cegos é tabu ainda hoje?* com 17 comentários.

O mapa a seguir mostra a dinâmica das postagens sobre discriminação.

² Ver mais em <http://www.lerparaver.com/>.

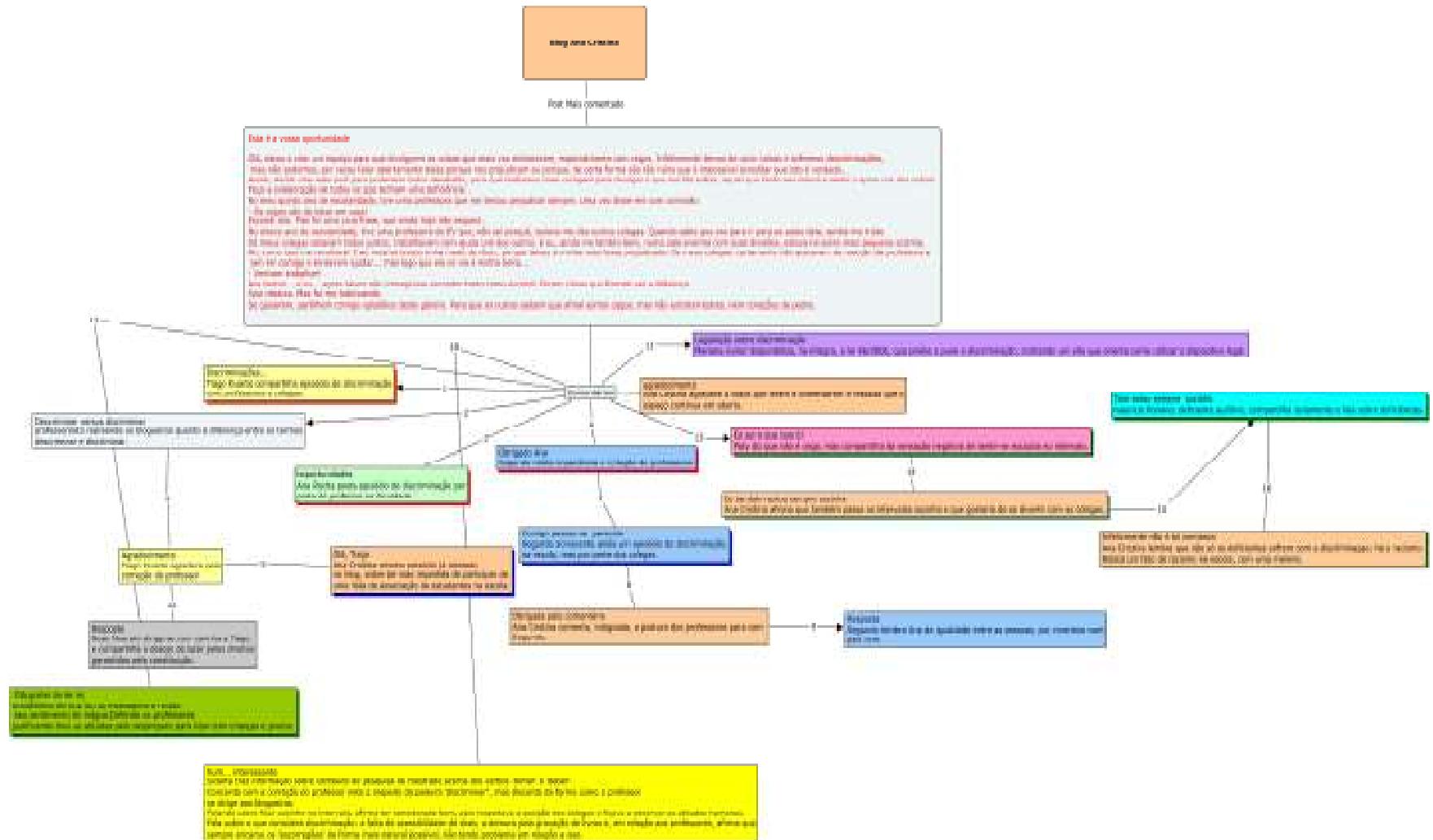


Figura 1 - Mapa Conceitual sobre o post 'Esta é a vossa oportunidade'

É interessante observar que dos 18 comentários que se dispõem a relatar casos de discriminações, os de números 1, 3 e 6, que aparecem sombreados de vermelho, tratam de episódios de discriminação na escola, por parte dos professores. Os números 5 e 7, que aparecem sombreados de azul, trazem casos de discriminação, na escola, por parte dos colegas (alunos) e a seqüência 13, 14, 15, 16 e 17, que se destacam pelo sombreamento verde, focaliza o sentimento de exclusão pela permanência solitária durante o intervalo, o que revela que a maior parte dos casos eleitos pelos comentaristas como eventos de discriminação aconteceu na escola, seja por professores/as, seja por alunos/as ou ambos.

Também vale destacar a participação de pessoas que, apesar de não sofrerem qualquer tipo de deficiência, sentem-se discriminadas e/ou se solidarizam aos que se sentem discriminados, como podemos observar através dos comentários 11, 9 e 17. A abertura estabelecida para a participação de quem assim o desejasse contribuiu para que um professor de Português (comentário 2) não ficasse constrangido de corrigir a grafia do termo-chave que desencadearia toda a discussão, tendo sua atitude reconhecida pelo quarto comentário e repreendida pelo 18.

O próprio comentário 18, postado por Montana, merece atenção especial, pois revela o ponto de vista de alguém que respeita a atitude dos normovisuais de não quererem interagir com os cegos, acrescentando que aproveitava o momento de individualidade para observar as atitudes humanas. O comentarista demonstra, também, a convivência ‘normal’ com seus professores, pois em caso de ‘escorregões’, para usar o próprio termo do autor (e esses eventos são enfrentados por todos, independentemente da condição física ou psicológica), encarava da forma mais natural possível, afirmando *não ter problemas em relação a isso*. Para finalizar,

aponta uma visão bem mais ampla de discriminação que as postadas até então, como a falta de acessibilidade de determinados sites e a demora ou escassez de gravações de livros, mostrando que, superadas as questões de interação, vêm pesar todos os obstáculos que impedem que um cego realize as mesmas ações das demais pessoas.

A segunda postagem mais comentada aparece na seqüência dos relatos sobre discriminação e não trata de um tema menos polêmico: o amor entre cegos, como podemos observar no mapa a seguir.

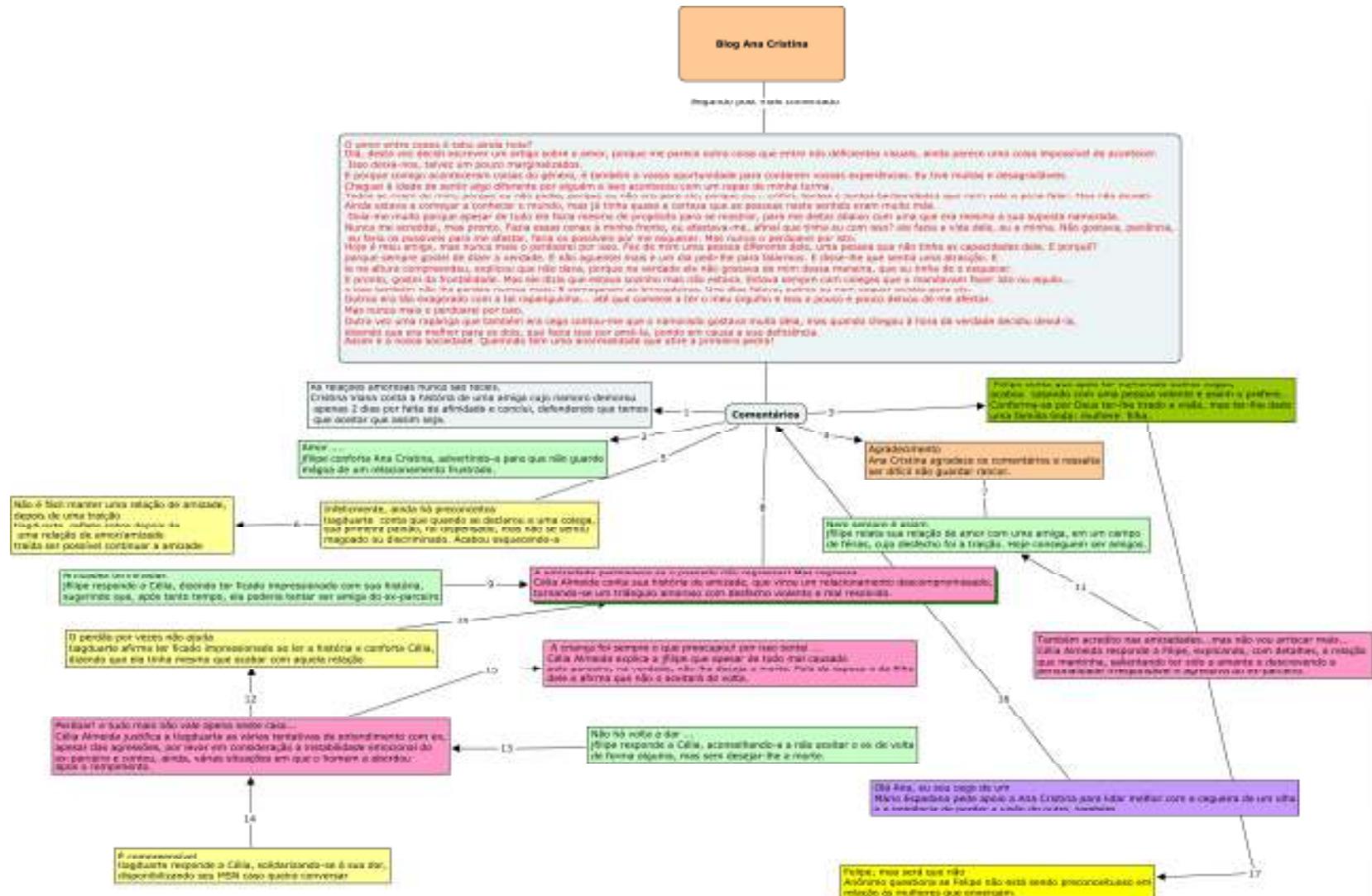


Figura 2 - Segundo post mais comentado

Nessa seção de 17 postagens, destaca-se a participação da mulher que mais comentou no blog, Dina Montanha (sexto comentário). Porém a interação restringe-se a 3 pessoas: Bella e, sobretudo, zecarlos e lucsoares, como observamos nos quadros de cor rosa (Dina Montanha), bem como os de cor verde clara (zecarlos) e os de cor amarelo clara (lucsoares).

Interessante que o post que desencadeia o triângulo de discussão não foi o de Bella, que convoca os blogueiros a comentar sobre o amor entre os cegos, mas o de Dina Montanha (comentário 8), que relatou, com riqueza de detalhes, um relacionamento conturbado no qual fazia papel de amante e ainda sofria agressões físicas. lucsoares e zecarlos se solidarizam imediatamente com a situação relatada por Dina Montanha, sugerindo-lhe, objetivamente, que evitasse qualquer tentativa de reconciliação, investindo, através de mensagens positivas, para que elevasse sua estima e obtivesse confiança, através dos comentários 9, 10, 13 e 14.

Chama a atenção a postagem de Mauro Espanha (16) que, alheio à discussão, tamanha sua apreensão, dirige-se à Bella a fim de encontrar respaldo para enfrentar, junto com quem entende do assunto, a perda gradativa da visão, mas que não recebe resposta. Outra questão irreverente nessa seção do blog analisado fica por conta do comentário 17, anônimo, que interpela João (3), questionando-o se sua preferência por mulheres que enxergam não se configuraria uma forma de preconceito.

4.3.1 Laços sociais e capital social

Em relação aos laços sociais e o capital social instituídos no blog analisado, apoiar-nos-emos nos estudos de Recuero (2005), a fim de compreender a estrutura da rede social então estabelecida.

Poderíamos dividir os laços sociais identificados em todos os comentários do blog analisado como fortes e fracos, mas voltaremos, a título de elegermos tópicos pontuais, nossa atenção ao post mais comentados para identificar a intensidade dos laços estabelecidos, destacando o texto original (que aparecerá em itálico) e, na seqüência, nossos comentários.

Num primeiro momento, optamos por separar, desse post mais comentado, os laços fortes dos fracos, expondo os destaques e justificando-os, quando percebemos que as postagens estavam interligadas de tal forma que nem para a análise da intensidade dos laços seria possível dissociá-las. O mesmo aconteceu em relação ao estabelecimento do capital social: de acordo com a intensidade do laço, seria conveniente descrever o tipo de capital social na medida em que descrevêssemos os laços. Também esperávamos descrever pormenorizadamente cada um dos laços estabelecidos através dos comentários do post mais comentado. Dada a extensão da análise, decidimos por agrupar em blocos e, assim, proceder à análise.

O post mais comentado, que cria um espaço para relatos de discriminações, como vimos anteriormente, apresenta laços fortes na totalidade de seus 18 comentários. Vale ressaltar que esses laços não correspondem a mesmas medidas, sendo apresentados, pois, em ordem de intensidade: a) dois comentários expõem o episódio, cumprindo o que é solicitado no post, e ainda solicitam interação dos leitores, expondo outras formas de contatos, com a intenção da manutenção do laço

em outros ambientes; b) a maioria dos comentários (14), além de exporem os episódios, fazem referência a outros comentários e c) a apenas 2 revelam estar conectados ao grupo, acompanhando a discussão, porém não demonstram esperar qualquer outro tipo de interação.

Tendo em vista a totalidade de laços sociais, consideramos bastante densa a rede social estabelecida, pois os indivíduos que a compõem demonstram nível elevado de conectividade.

À primeira vista, um comentário que inicialmente poderia ser descrito como laço fraco, acaba, ao contrário, tornando-se forte. O professor que repreende os blogueiros quanto à diferença entre os termos *descriminar* e *discriminar* já anuncia, no início do segundo comentário, que é *leitor mais ou menos assíduo deste site*, considerando que a *Língua Portuguesa tem sido muito maltratada aqui*. No final, ao se dirigir aos leitores, escreve *A todos [sic] os meus agradecimentos pela atenção dispensada*. Note-se, aqui, o grau de formalidade empregado, o que afasta qualquer intenção de contato ou interação. Ainda quando agradece a atenção dispensada, demonstra a pretensão de saber que todos dispensaram atenção ao seu comentário e isso basta, pois não emenda um fechamento cordial à sua postagem, tampouco coloca-se à disposição para uma possível troca.

Porém, embora o professor demonstre indiferença quanto a uma possível interação, um dos mais assíduos comentaristas responde-lhe, intitulando sua postagem *Agradecimento*, mostrando que, a revelia do autor do comentário, o conteúdo do mesmo fez com que se estabelecesse um laço forte.

Podemos constatar, então, que esse fenômeno acontece justamente em função da constituição de um capital social, lembrando que essa identificação leva em consideração a classificação de Coleman (apud RECUERO, 2005), que agrupa o

conteúdo das relações sociais em rede em nível relacional, normativo, cognitivo, de confiança e institucional. Assim, o capital social ao qual nos referíamos torna-se normativo, através da expressão *não levei a mal* e, ao mesmo tempo, cognitivo, quando o blogueiro admite que *estamos sempre a aprender*.

Tal comentário confirma-se como capital social normativo, quando é respondido, em outro comentário, sob a forma de desaprovação em relação à conduta do professor, fazendo-lhe ver que tal postura não é corrente no ambiente: *concordo com (...) enquanto [sic] ao corrigir, mas não ao fazê-lo desta forma.*

Outro comentário que aponta claramente um capital social é o que trata da disponibilização da lei contra a discriminação. Trata-se de um capital social cognitivo, uma vez que além de informar o teor da lei, orienta o leitor a como utilizar o dispositivo legal e ainda indica um site para encaminhamentos.

A grande maioria dos comentários revela capital social relacional, pois aponta cordialidade no tratamento entre os comentaristas, bem como desejos positivos de uns para os outros, mas especialmente o último comentário encaixa-se perfeitamente na categoria relacional quando expressa que gostou *de ler as mensagens aqui deixadas, embora tenha terminado de o fazer com uma mágoa grande dentro de mim*, mostrando que o fato de ter acompanhado os relatos dos casos, fez com que surgisse-lhe, a partir disso, uma sensação negativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado teve por objetivo identificar as práticas e interações sociais ocorridas em blog cuja temática básica girava em torno da cegueira. De forma alguma pretendeu-se generalizar as considerações de maneira a homogeneizar comportamentos, pensamentos ou atitudes dos deficientes visuais.

Trata-se, sim, do acompanhamento de uma situação particular. Os demais blogs selecionados pela pesquisa demonstram ilimitadas possibilidades de olhares pela diversidade de opiniões e situações apresentadas, apontando para uma multiplicidade de categorias que poderiam ser estabelecidas, caso a caso, dependendo da personalidade, das experiências, dos eventos vividos pelos autores dos referidos blogs.

No caso em questão, a observação e análise dos 33 posts e dos comentários às postagens mais respondidas confirmam ter se instaurado, de fato, um processo de interação social com a criação e manutenção de laços sociais fortes que resultaram em capital social de diferentes ordens, segundo Recuero (2005).

Pode ser constatado, também, que a autora do blog, além de promover, usufrui do processo de interação social estabelecida, pois utiliza o blog para exteriorizar seus sentimentos e idéias; clamar por menos discriminações em diferentes segmentos sociais; utilizar o blog como oportunidade de publicação e consequente socialização de textos de sua autoria; fazer-se conhecer; demonstrar ser bem resolvida em relação a seu estigma e explicitar o que pensa que os outros pensam a seu respeito. Os blogueiros também aproveitam o blog para, além de relatar episódios, apoiar seus pares através de mensagens de estímulo, utilizando-o, também como oportunidade de troca de artefatos como músicas e livros, além de jogos e indicações de sites interessantes, também criticando a falta de acessibilidade de determinados sites entre outros, o que não aconteceria se não existisse o blog, confirmando a idéia de Recuero (2007), quando se refere ao recurso da internet, considerando-o *espaço social, onde são criadas e mantidas redes sociais*. É por isso que a dimensão de pesquisas sobre a acessibilidade digital aplicada às ferramentas de socialização on-line toma um vulto considerável

(PASSERINO e MONTARDO, 2007), figura como medida urgente e necessária de inclusão digital.

É interessante observar que a autora conta toda sua história e descreve-se psicologicamente, mas em nenhum momento faz alusão à sua descrição física, demonstrando que esse é um fator de menor importância para uma pessoa cega. Também, de acordo com as respostas aos comentários recebidos, a jovem expressa sentir-se valorizada, reconhecida, importante.

Outro fator que chama muito a atenção foi o recorrente relato de discriminação na escola, por alunos/as e, lamentavelmente, por professores/as, levando-nos a refletir sobre o papel de uma instituição que deveria agir na contramão dessa atitude, como apregoam vários discursos a favor da inclusão. Ainda sobre a escola, nota-se que no sistema de ensino português, a escola que atende à clientela dos deficientes visuais tem um currículo voltado ao preparo do indivíduo para a vida, com independência, apesar de manter-se em uma linha de ensino tradicional.

O blog é utilizado pela comunidade para falar de episódios marcantes, do dia-a-dia dos deficientes visuais, como as vantagens e desvantagens do uso da bengala; o fato das pessoas olharem de forma “diferente” para os cegos e a consequente exposição de como eles se sentem em relação a isso; os usos, exposição de preferências e comentários a respeito da utilização de equipamentos específicos do universo desse público específico: o leitor de ecrã, a máquina de braile, o cumbaritmo, as gravações de livro em áudio, entre outros.

Há que se destacar a ausência de conflitos ou divergências significativas de idéias ou posições, o que pode ter sido evitado através da ação de um moderador,

uma vez que as mensagens postadas precisam ser aprovadas antes de serem publicadas.

Em termos gerais, concordamos com Passerino e Montardo (2007) quando concluem que *a popularização do uso e das ferramentas de socialização on-line pode ser uma frente de ação nesse sentido. Na medida em que se constata que a socialização é fundamental no desenvolvimento cultural de um PNE, percebe-se que as TIC podem ser utilizadas para tanto*, justificando a validade de investigações e investimentos sociais, culturais e pedagógicos nessa área com desdobramentos necessários para uma maior acessibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, P. H.; BARROS, J. F. O nível de participação do Estado na gestão do esporte brasileiro como fator de inclusão social de pessoas portadoras de deficiência. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília, v. 12 n. 1 p. 77-84. Jan/Mar 2004.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, Liliana. *Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações*. In: Revista Novas Tecnologias na Educação (Renote). Porto Alegre: UFRGS, Vol. 4, no. 2, Dez. 2006.

_____. *Inclusão social via acessibilidade digital: proposta de inclusão digital para pessoas com necessidades especiais*. In: E-Compós, Brasília: Compós, v. 8. 2007

_____. *Espelhos quebrados no ciberespaço implicações de redes temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais* (ARS). In: 17o. Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2008, São Paulo. 17o. Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo : UNIP, 2008

KOZINETS, Robert V. *The field behind the screen: Using netnography for marketing research in online communities*. Chicago: Journal of Marketing Research. Vol. 39 ,fevereiro, 2002.

LADEIRA, F.; AMARAL, I. A educação de alunos com multideficiência nas Escolas de Ensino Regular. *Coleção Apoios Educativos*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, 1999.

GOFFMAN, Erwing. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4.ed. Rio de janeiro: LCT, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2000. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtml>. Acesso em 22/11/2008.

MITLER, Peter. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Trad. Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RECUERO, R. *Comunidades virtuais em redes sociais: uma proposta de estudo*. In: ECompós, Brasília, Compós, v.4, Dez 2005.

_____. *Práticas de sociabilidade em sites de redes sociais: Interação e Capital Social nos Comentários dos Fotologs*. In: XVII Compós, 2008. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_324.pdf Acesso em 11/11/2008.

_____. *Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais*. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de

Comunicação, em Setembro de 2002.Trabalho publicado na revista 404notFound, v1. número 31, 2003.

_____. *Em busca de um modelo para o estudo das comunidades virtuais em redes sociais no ciberespaço*. Disponível em <http://pontomidia.com.br/raquel/intercom2005.pdfa> Acesso em 30/11/2008.

_____. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs.Trabalho apresentado no GT de Tecnologias Informacionais da Comunicação da Compós. Niterói,RJ, 2005b.

_____. *Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo*. Ecompos, Internet,v. 4, n. Dez 2005c

_____. *Comunidades em Redes Sociais na Internet: Estudo de Caso do Fotolog.com*. Tese de Doutorado apresentada ao PPGCOM/UFRGS, Porto Alegre/RS, 2006.

_____. *Tipologia de Redes Sociais Brasileiras no Fotolog.com*. In: INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Anais da INTERCOM, 2007.

_____. *Tipos de Usuários dos Sites de Redes Sociais*. 15/04/2008. Disponível em http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/ofcom_report_em_sites_de_redes_sociais.html. Acesso em 04/12/2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VYGOTSKI, L.S. *Obras Escogidas. Fundamentos de defectología*. Vol.V. Trad. Julio G. Blank. Madrid: Visor Dis S.A., 1997.

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.